

Jacarezinho: Corpos de mortos na ação foram removidos sem perícia

Além disso, um terço dos mortos não tem processos criminais no site do Tribunal de Justiça do Rio

Um registro de ocorrência sobre a operação da Polícia Civil no Jacarezinho, que aconteceu na última quinta-feira, mostra que 24 dos 27 corpos de suspeitos foram removidos da comunidade sem perícia. No sábado, quatro dos seis homens presos no local falaram em depoimento que foram obrigados a levar corpos de suspeitos mortos para dentro de blindados da Polícia Civil. Os suspeitos disseram também que foram submetidos a agressões. A instituição informou que o fato será apurando internamente. De acordo com a Civil, todos os mortos tinham ligações diretas com o tráfico de drogas. Entre eles, três alvos da operação e um homem apontado como chefe do tráfico na comunidade do Mandela, o traficante Luiz Augusto Oliveira de Farias, conhecido como o Índio do Mandela.

SEM ANOTAÇÕES CRIMINAIS
Um terço dos mortos pela Polícia Civil na Operação

Acusados de serem traficantes e/ou ladrões a maioria dos 18 mortos tinha processo criminal

Exceptis não tem processos criminais no site do Tribunal de Justiça do Rio. Um levantamento feito pelo Estadão no portal da Corte apontou que nenhuma ação penal consta em nome de nove dos 27 mortos na ação. A Polícia afirma que todos tinham anotações criminais, com base em informações próprias. O jornal não teve acesso a inquéritos policiais - não foi possível, portanto, checar se algum desses nove homens mortos era investigado por algum crime, mas ainda não fora denunciado à Justiça. Acusados de serem traficantes e/ou ladrões estavam



Manifestação no Jacarezinho ocorreu por causa da ação na operação Exceptis que deixou 27 mortos, além do policial baleado na cabeça

REGINALDO PIMENTA / AGENCIA O DIA



Polícia Civil diz que mortos na ação tinham anotações criminais

entre a maioria dos 18 mortos com processo criminal. Foi possível encontrar pelo menos 22 acusações de crimes relacionados a tráfico de drogas e 14 a roubo. Há ainda alguns casos de receptação e furto e uma acusação de estelionato. Em alguns casos, o mesmo réu responde por vários crimes, por isso a soma de delitos é maior do que o de mortos com processo. Apenas três dos 27 mortos eram alvos de mandados de prisão na operação policial. Eram eles Richard Gabriel da Silva Ferreira, Isaac Pinheiro de Oliveira e Rômulo Oliveira.

Com Estadão Conteúdo



Os assassinatos no Jacarezinho caracterizam crimes contra a humanidade. Geram o dever de apuração da responsabilidade
ASSOCIAÇÃO JUÍZES PARA A DEMOCRÁCIA

Mortes ocorreram em 10 regiões diferentes

► As 28 mortes - números oficiais da Polícia Civil, divulgados no sábado - na operação da última quinta-feira, no Jacarezinho, ocorreram em pelo menos 10 diferentes regiões da comunidade. Os dados foram extraídos dos 12 registros de ocorrências feitos pelos agentes. Em apenas um local, foram contabilizados sete óbitos de suspeitos. Como resultado da ação, apontada por especialistas como a mais sangrenta do Rio nos últimos anos, a polícia apreendeu quase 30 fuzis e cerca de 18 pistolas, além de munições; uma submetralhadora; drogas, carregadores de pistolas e fuzis; uma plantação de maconha, granadas e uma munição de canhão. Segundo a polícia, todos os mortos tinham ligações diretas com o tráfico de drogas. Entre eles, três alvos da operação e um homem apontado como chefe do tráfico na comunidade do Mandela, o traficante Luiz Augusto Oliveira de Farias, conhecido como o Índio do Mandela. Em uma ocorrência, na região conhecida como “Beco da Síria”, os agentes contaram que encontraram Matheus Gomes dos Santos, 21 anos, já baleado, sentado em uma cadeira de plástico. Ele foi levado para o hospital, mas não resistiu.

Disputa por uso da bilheteria gera tumulto na Feira de São Cristóvão

Empresa conseguiu decisão para gerir, mas administração se nega a cumprir

Representantes de duas empresas que atuam na administração da Feira de São Cristóvão causaram tumulto, ontem, na entrada do local, devido à uma disputa judicial pela bilheteria do espaço. A empresa LCV, antiga prestadora de serviços para a feira na área de limpeza e manutenção, alega dívidas, que chegam a R\$ 10,8 milhões, por parte dos gestores atuais da feira. Segundo informações, funcionários da LCV estavam impedindo que os feirantes entrassem na feira. Uma equipe do 4º BPM (São Cristóvão) foi acionada ao local e, ao constatar a confusão entre os dois grupos, conduziram os envolvidos para a 17ª DP (São Cris-



Representantes de empresas foram encaminhados para a 17ª DP

tóvão). O caso foi registrado como injúria. A empresa LCV conseguiu na Justiça a decisão para administrar a bilheteria como forma de receber pelos valores referentes à dívida. No entanto, segundo o advoga-

do da LCV, a atual comissão de administração da feira se nega a cumprir a decisão. De acordo com o advogado, a gestão administrativa da feira retardou a abertura do local em duas horas no sábado. No entanto, represen-

tantes da LCV, ontem, abriram a bilheteria do espaço comercial e cultural, às 10h, e a gestão atual se manifestou contra a abertura. Por conta desta disputa administrativa, o caso foi parar na delegacia. “Eles podem até ficar nas bilheterias, mas não têm direito a acessos no pavilhão. O que está acontecendo já tem três semanas e hoje toma proporções de abuso total. Eles abriram a bilheteria na marra, estão barrendo pessoas e o pior, com força armada, intimidando as pessoas”, informou a Comissão de Feirantes. De acordo com o advogado da Comissão Administrativa da Feira de São Cristóvão, Charles Silveira, a ação judicial que prevê a administração da LVC somente na bilheteria está em execução na 43ª Vara Cível do Rio e que eles irão resolver o caso na Justiça.

Parceria entre PCC e o Complexo de Israel

THUANY DOSSARES
thuany.dossares@odia.com.br

O chefe do tráfico do Complexo de Israel, na Zona Norte do Rio, Álvaro Malaquias, o Peixão, fez uma aliança com traficantes paulistas do Primeiro Comando da Capital (PCC), para que eles fornecessem armas e drogas para suas comunidades. A parceria criminosa está sendo investigada por Policiais da Delegacia de Combate às Drogas (DCOD). Os negócios interestaduais foram descobertos após a prisão em flagrante do traficante paulista Adriano Pereira de Souza, conhecido como Cigano ou Dente de Ouro, durante operação em Parada de Lucas, comunidade que compõe o Complexo de Israel. Ele até tentou passar despercebido pela polícia, ao apresentar documentos falsos em nome de André Pereira de Souza Gomes,



DCOD investiga no Rio essa união

mas logo teve a sua verdadeira identidade revelada. Cigano disse que era empresário e veio ao Rio apenas para curtir bailes funk, mas é responsável pelas finanças do Primeiro Comando da Capital (PCC). A descoberta foi feita após troca de informações entre policiais civis de SP e da DCOD. A especializada descobriu que Cigano veio com a missão de fechar negócios a respeito do fornecimento de drogas, e fazer assim uma aliança entre o carioca ligado à facção Terceiro Comando Puro (TCP) e o PCC.